

Nota introdutória

Gizela Turkiewicz,¹ São Paulo
Luiz Moreno Guimarães Reino,² São Paulo

*Que um fecundo futuro
lhe esteja reservado!*
(Carta de Freud de 1928
para Durval Marcondes)

Em geral, associamos a esperança ao fim: ela é a última que morre. Mas talvez seja também a primeira que nasce.

Para a seção *História da psicanálise* deste número do *Jornal*, fizemos um percurso pela correspondência entre analistas pioneiros da psicanálise em São Paulo e os fundadores do movimento psicanalítico, Sigmund Freud e Ernest Jones. Em dois diferentes tempos, essa troca registra o movimento inaugural da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), então chamada Grupo Psicanalítico de São Paulo.

Em 1927, Durval Marcondes escreve a Freud comunicando com entusiasmo a constituição de uma sociedade psicanalítica em nosso meio, ainda sem reconhecimento oficial pela International Psychoanalytical Association (IPA), que reúne médicos e intelectuais interessados pela descoberta freudiana. O grupo se estabelece como um movimento de vanguarda, ligado ao movimento modernista em São Paulo. E traz, desde sua fundação, a marca do diálogo entre diversas áreas de conhecimento, bem como o reconhecimento da análise leiga.

No mesmo ano, Durval envia a Freud um exemplar da *Revista Brasileira de Psicanálise*, e no ano seguinte, Freud responde: “comprei uma pequena gramática portuguesa e um dicionário alemão-português. Quero ver se com isso eu consigo ler, por mim mesmo, a revista, durante estas férias”. Se o ditado diz que só é possível filosofar em alemão, a resposta de

1 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Membro da equipe editorial do *Jornal de Psicanálise*.

2 Membro filiado do Instituto “Durval Marcondes” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Membro da equipe editorial do *Jornal de Psicanálise*.

Freud o contradiz: ao menos em psicanálise, não há uma língua oficial, e já era possível psicanalisar também em português.

Desse momento até o reconhecimento do grupo de São Paulo como integrante da IPA, passaram-se quase 20 anos, período em que o grupo cresceu e se expandiu, com a chegada de analistas vindos da Europa durante a 2ª Guerra Mundial, como Adelheid Koch, Theon Spanudis e Frank Philips.

A segunda troca de correspondência aqui apresentada – entre Ernest Jones, Adelheid Koch e Durval Marcondes – formaliza esse reconhecimento, junto aos nomes que compuseram a primeira diretoria do Grupo e as características iniciais que foram sua marca, como a independência em relação à Associação Psicanalítica Americana, sendo desde o princípio, diretamente vinculado à IPA.

As trocas que trazemos, com o apoio e parceria do “Centro de Documentação e Memória Maria Angela Moretzsohn”, atualmente coordenado por Regina Lacorte Giansi e co-coordenado por Yone Vittorello Castelo, evidenciam o diálogo e a aposta em plantar a semente da psicanálise em solo brasileiro, para que aqui brotasse um novo ramo do tronco psicanalítico que tanto se viu (assim como tantas áreas do pensar) atacado e ameaçado pelo movimento nazifascista.

O encontro entre brasileiros e imigrantes vindos de um continente devastado por duas grandes guerras nos remete à ideia da fundação de uma nova sociedade psicanalítica como um movimento de esperança. Esperança na expansão da psicanálise enquanto pensamento e ofício. Esperança na sobrevivência. Esperança na manutenção da chama de vida acesa.

Gizela Turkiewicz

gizela.turkiewicz@gmail.com

Luiz Moreno Guimarães Reino

luizmorenog@gmail.com